

No Tempo e no Espaço: Mapeando as Línguas de Fronteira

Eliana Rosa Sturza – UFSM

Tomo a palavra “Cruce” como palavra que melhor designa a noção de fronteira à qual mobilizamos. Ela sustenta as discussões em torno das problemáticas de pesquisa bem como das condições sócio-históricas que consideramos relevantes para sustentar nossas percepções e interpretações a respeito da situação das línguas da fronteira e na fronteira. Este “cruce”, que para nós é constitutivo do sentido de fronteira, reflete o modo como se configura um espaço de pesquisa onde se enfoca, sobremaneira, a circulação das línguas, nos seus diferentes status, sejam elas as nacionais - Português e Espanhol; próximas - uma com relação à outra, e ainda, segundo o contexto que se escolhe, as de imigração e/ou indígenas. Todas essas línguas disputando o direito político à palavra.

Palavra enquanto dizer. Para tal, os trabalhos que estamos desenvolvendo há mais de quatro anos buscam identificar a relação dos sujeitos fronteiriços com as línguas que praticam em um espaço de enunciação particular, o da fronteira. A particularidade desse espaço é ter umas condições facilitadoras para entrada de uma língua no espaço de enunciação da outra, sem necessariamente indicar que essa é uma situação restrita a empréstimos linguísticos. O que nos interessa é que a uma materialidade lingüística subjaz uma enunciação que significa línguas em relação, numa situação em que estes sujeitos fronteiriços estão continuamente em uma condição de “entre-línguas”.

O mapeamento realizado pelas pesquisas no âmbito do projeto Línguas de Fronteira se concretiza através de diversos projetos de iniciação científica, dissertações de mestrado e de projetos de doutorado em andamento. Eles contribuem, a partir das questões formuladas sobre problemáticas das relações sobre línguas e sujeitos nas fronteiras, para situar e explicitar situações lingüísticas próprias das zonas fronteiriças, levando conta as condições e as funções que as línguas em contato vão constituindo com suas diferentes especificidades, ao longo das fronteiras do Rio Grande do Sul com países do Prata (Argentina e Uruguai) tanto no que se refere à geopolítica de sua formação como a de sua constituição social.

Nos projetos desenvolvidos, um dos objetivos é identificar como circula o espanhol em diferentes espaços no lado brasileiro da fronteira, visto que são escassos os trabalhos que tratam desta circulação. Faz-se necessário compreender como circulava a língua espanhola em diferentes épocas, quais fatores impulsionaram maior ou menor circulação da língua, em distintos momentos da história das comunidades fronteiriças. Neste caso, uma história da circulação da língua se reorganiza por uma história de formação da sociedade fronteiriça, tornando-se relevante como subsídio para formulação, por exemplo, de políticas para o ensino do espanhol nessas regiões fronteiriças.

A circulação da língua é identificada no modo como ela se materializa lingüística e discursivamente nos textos publicados em jornais de cidades fronteiriças brasileiras. Os textos escritos, desta forma, nos permitem reconstituir as relações que os sujeitos fronteiriços tinham ou tem com as línguas às quais estão expostos, nas zonas de fronteiras lingüísticas, a exemplo do português e do espanhol nas fronteiras a que nos referimos.

O Corpus, que o conjunto dos trabalhos reuniu, possibilita não só traçar um percurso sobre os modos e os espaços de circulação da língua espanhola, do lado brasileiro da fronteira, como também interpretar como essa língua é percebida pelos fronteiriços brasileiros, o quanto e como os interlocutores projetam a existência de possíveis leitores da língua “próxima” (STURZA & FERNANDES, 2009). Como o espanhol é aproximado na prática linguagem à medida que, neste contexto, é uma língua que funciona acionada, muitas vezes, por estratégias de intercompreensão.

Tal intercompreensão, seja parte advinda da transparência das duas línguas em contato (pelo fato de serem línguas aparentadas), seja porque estamos abordando a fronteira como contexto, essa intercompreensão sustenta-se por um grau de identificação, decorrente de atos de linguagem que são próprios da realidade lingüística inter-relacionada e intercultural, produzidas pelas relações fronteiriças, e que são de toda ordem, comerciais, interpessoais, profissionais, culturais entre outras.

A prática de linguagem assim estabelecida resulta, portanto, do modo como se dá a mobilização dos falantes nos espaços, fazendo circular as línguas, uma no

espaço da outra, às vezes, verbalizadas numa mistura. Como já mencionei, essa prática de linguagem se intensifica pelas relações interpessoais, nos tratos do comércio, dos negócios, no trânsito de pessoas que está consentido entre as comunidades fronteiriças. Embora haja a fiscalização, a aduana, o controle fiscal, nem sempre igual nas fronteiras, pois elas não são iguais na sua forma de demarcação, de controle, de contorno físico, e também, no nível de convivência.¹

1. No Tempo e No Espaço

No conjunto dos trabalhos têm-se analisado textualidades em duas modalidades: orais e escritas. Para análise da oralidade, utilizamos material registrado em entrevistas, logo são registros atuais de fronteiriços falando sobre a fronteira, sobre a língua, sobre o nome das línguas.

Outro conjunto é composto por textos escritos. Foram selecionados de jornais de municípios da fronteira: Sant Anna do Livramento e Uruguiana. Os tipos de textos selecionados foram anúncios comerciais e profissionais. Neste caso, o material utilizado remonta aos primeiros jornais que circularam nessas comunidades, àqueles a que tivemos acesso nos arquivos particulares e públicos.

O material utilizado nas pesquisas até momento compreende um período de aproximadamente um século. Este percurso temporal contribui para, a partir de um estudo sobre a situação das línguas, interpretarmos como a sociedade fronteiriça do extremo sul do Brasil foi se organizando, como foram sendo estabelecidas as relações com o exterior (Argentina e o Uruguai) e como essas comunidades tiveram um papel significativo como porta de saída e entrada para e desse exterior. Destacam-se as ligações comerciais com o Prata, que foram determinantes para o desenvolvimento da região e sua modernização como, por exemplo, a chegada das máquinas tipográficas para a fundação de jornais, já no final do Séc. XIX, em pleno período de municipalização das comunidades fronteiriças.

A fundação desses jornais, na época com fins claramente políticos, nos possibilita hoje ver a não regulação de uma língua nacional no material publicado

¹ Ao longo das fronteiras há cidades que se corresponde de um lado e outro da fronteira, chamadas cidades gêmeas. Há, casos, como o de Sant Anna do Livramento e Rivera que são cidades courbanadas, ou seja, formam um contínuo urbano.

nos jornais, publicando-se anúncios em outras línguas, como o espanhol. O Jornal, destes primeiros tempos, é um registro de como a língua espanhola circulava na comunidade fronteiriça brasileira, significando sobremaneira, a importância do comércio na região e de como as comunidades localmente decidiam sobre as formas de integração, até mesmo nas formas ilícitas como o contrabando. (COLVERO, 2004)

1. Mapeando as línguas que circulam

Situado nosso recorte temporal e espacial procedemos ao mapeamento. Para tanto buscamos responder muitas perguntas, oriundas dos projetos vinculados ao tema maior Línguas de Fronteira.

Mapear significa bem mais compreender como os fronteiriços se constituem em sujeitos das práticas de linguagem sendo também, nesta mesma instância, sujeitos históricos, se significando pela língua. Compreender a fronteira a partir dessa relação nos desafia a operar outra perspectiva do que são línguas em contato. Além disso, antes de qualquer procedimento analítico, para mapear é necessário de antemão visualizar essas fronteiras despidas de suas demarcações geopolíticas e vê-las como carregadas de conteúdo social.

Nos textos publicados nos jornais procedemos aos recortes em textos de anúncios comerciais e profissionais. São esses textos que estão publicados em espanhol: anúncios de profissionais médicos, de casas comerciais da cidade vizinha, horários de conexões de trem de cidades do outro lado da fronteira, publicidade de feira e remate de animais.

Todas essas textualidades na língua “próxima” por um lado mantém o lugar de cada língua nacional, na divisão das fronteiras, por outro está presente materialmente em espanhol no jornal brasileiro, o que leva a suposição de que há interlocutores aos quais se direciona. Neste período, início do século XX havia então circulação de textos em espanhol por que havia leitores desta língua do lado brasileiro da fronteira? Haveria, nesta época, mais leitores que hoje? A fronteira era menos interdita pela língua nacional, portanto mais livre a presença das línguas?



Uruguaiana - Jornal "A Notícia" – 05/10/1905

Tais perguntas fazem emergir novas problemáticas de pesquisa no projeto. O corpus aponta indícios da circulação do espanhol no lado brasileiro da fronteira, tanto na fronteira com Argentina como com a do Uruguai.

Já os trabalhos com corpus de entrevistas, reuni um conjunto de dizeres na língua e sobre a língua. Neste sentido, nos interessa a relação dos sujeitos com as línguas que praticam, enquanto nessa relação há um processo identitário.(STURZA, 2010). Como se vêem os falantes fronteiriços enunciando nas línguas da fronteira, entre elas? O quanto estar exposto às línguas os significa como sujeitos da fronteira, social e historicamente.

Os enunciados na língua são entremeados de espanhol, em geral, mais evidentes segundo o tema que produz a conversação. Evidentemente, que nas zonas de comércio tende a existir a prática de uma mistura das línguas. Em outras situações, os registros mostram a incorporação de léxicos e expressões que caracterizam a variedade do português brasileiro da fronteira, tais como:

1. Chismear. "As crianças estavam *chismeando*, não paravam"
2. Enchufar. "Ah sim... tens de *enchufar* na tomada"
3. Qué sei eu. "... ele ia lá e aí conversava, brincava ..*qué sei eu*, puxava conversa."
4. "Negra, a mãe *te la guia*."

Nos enunciados em que os fronteiriços falam sobre a língua, eles destacam que mesclar as línguas é um objetivo claramente relacionado a solucionar as necessidades imediatas de comunicação. E de seja “mescla”, “portunhol”, “fronterizo” qualquer dessas designações remetem a uma prática lingüística de natureza veicular.

Neste Caso, a prática lingüística misturada, por muitos, nomeada de Portunhol, não é uma interlíngua, àquela de aprendizes expostos a um processo formal de aprendizagem de português ou espanhol, mas é uma prática lingüística usada por esses sujeitos fronteiriços ao se comunicarem entre si, em decorrência dos seus modos de vida, de necessidades que são próprias da vida na fronteira. Na condição de viverem nos limites territoriais do estado nacional, se relacionam com a exterioridade à medida que é o vizinho é também o estrangeiro; é outro país, é outra língua. No entanto, ao mesmo tempo, é o vizinho sendo o próximo, por estarem neste espaço fronteiriço constituído pela existência e confluência de elementos de identificação social e cultural comuns.

É assim que *falar apaisanado*, (ALVAREZ, 2009) tal como diz um falante fronteiriço no lado brasileiro da fronteira, ao referir-se ao modo de entrar em contato com vizinho uruguaio, é um estado de “estar nessas fronteiras”, é de “estar entre-línguas”

Considerações Finais:

Levando em conta, o conjunto de trabalhos até momento desenvolvidos, este mapeamento que consideramos modesto é na fase que nos encontramos, vamos desvendando o modo de circulação das línguas e, neste caminho, identificar por onde e como circulou ou circula o espanhol no espaço das línguas da fronteira. Entre algumas das nossas considerações estão:

- As fronteiras são espaços de trânsito: relações de convergência e divergência.
- As fronteiras são simbolicamente definidas pelo traçado geopolítico, mas são vividas socialmente.

- Há um espaço de enunciação fronteiriço. As relações entre as línguas se significam neste espaço de enunciação fronteiriço de modo diferenciado em relação a outros espaços de enunciação.
- As relações entre as línguas se significam no conflito, ou seja, no político.
- O espaço de enunciação fronteiriço revela que o espaço de circulação das línguas está condicionado à história das comunidades, sobretudo, a da economia local.
- O status de uma língua em relação à outra decorre da sua construção no imaginário dos sujeitos falantes e não se dá de modo simétrico.

Referências:

ALVAREZ, Isaphi M. (2009) *Falar Apaisanado: uma forma de designar as Línguas na Fronteira*. Santa Maria – RS: Dissertação de Mestrado/ PPGLetras, UFSM.

COLVERO, R. (2004) *Negócios na Madrugada. O comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo - RS: UPF.

STURZA, Eliana & FERNANDES, Ivani C.(2009) A fronteira como novo lugar de representação do espanhol no Brasil in *Revista Signo & Seña*, nº 20. Buenos Aires: Instituto de Lingüística/Facultad de Filosofía y Letras/UBA.

STURZA, Eliana. R. (2010) Espaço de Enunciação Fronteiriço e Processos Identitários. In *Revista Pro-Posições*. V21, n.3 (63) set/dez. Campinas – SP: Faculdade de Educação/ Unicamp.